



GT 07 – Direito à Cidade, Cultura e Memória: Reparação e Reconhecimento na Política Urbana Contemporânea – a Cidade como um Bem Comum

PRODUÇÃO INSURGENTE DA CIDADE: MAPEANDO AFETOS NO BAIRRO JARDIM AURENY IV EM PALMAS-TO

Renato Bezerra Rodrigues¹
Nani Lopes Pereira²

1 INTRODUÇÃO

O histórico acerca da produção das cidades revela um caráter intrínseco sobre a construção do espaço urbano enquanto território de segregação, essa configuração se dá de forma incidente principalmente sobre os países do Sul Global, instituindo espaços profundamente marcados por processos informais e pela segregação socioespacial.

Segundo Maricato³, o modelo de urbanização brasileiro gerou uma dualidade estrutural, ao passo da produção de dois tipos de cidade: a cidade formal, legalizada e planejada e do outro lado a cidade informal, construída sobre a autoconstrução e com a mínima presença do Estado, dando origem para a conformação de paisagens marcadas pela expansão periférica, precariedade habitacional e falta de infraestrutura.

Nesse cenário, o processo de autoconstrução da periferia assume um caráter insurgente, ao passo que os movimentos sociais, na luta pelo direito à cidade, denotam formas de resistências legítimas à política urbana e ao modelo excludente. Holston⁴ introduz o conceito de “cidadania insurgente”, a partir da noção da periferia e da população mais pobre enquanto agentes principais da produção do espaço urbano, compreendendo enquanto

¹ Renato Bezerra Rodrigues. Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela UFT, integrante da rede BR Cidades – Núcleo Tocantins. E-mail: renato.rodrigues@mail.uft.edu.br

² Nani Lopes Pereira. Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela UFT, integrante da rede BR Cidades – Núcleo Tocantins. E-mail: nani.lopes@mail.uft.edu.br

³ MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015. p. 17-35.

⁴ HOLSTON, James. **Cidadania insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 228- 235.



resposta de resistência e sobrevivência acerca do modelo urbano dominante, criando novas narrativas e práticas urbanas de defesa ativa dos territórios.

A partir da noção de pertencimento e de afeto dos territórios, Tuan⁵ cria o conceito de topofilia, contextualizando as relações de afeto entre o espaço e o indivíduo, compreendendo o espaço urbano como uma construção de relações simbólicas e afetivas, através das vivências cotidianas, da memória, cultura e resistência. Ressaltando a teoria de Lefebvre⁶, na qual o território é socialmente produzido pela memória, inserido sobre uma luta constante entre sua concepção e apagamento pelo capitalismo.

Fundada em 20 de maio de 1989, Palmas (TO) foi concebida como exemplo de cidade planejada, com expansão territorial por etapas e influência do ideário neoliberal⁷. O plano inicial previa abrigar até 1,2 milhão de habitantes, podendo chegar a 2 milhões com a quinta etapa de expansão⁸. No entanto, a ocupação real seguiu lógicas distintas, com o poder público afastando a população de baixa renda do centro. A área conhecida como Expansão Sul foi ocupada desde os primeiros anos, refletindo a ação dos agentes produtores do espaço e os efeitos diretos da segregação espacial.⁹

Essa fragmentação agravou-se com a revisão do Plano Diretor de 2007, que ampliou o perímetro urbano, motivando a criação do projeto “Palmas Participa” enquanto resistência. Já a revisão de 2018 destacou-se pela baixa participação popular e forte influência dos interesses do mercado imobiliário.¹⁰

Portanto, o caso de Palmas serve como um espelho de como o planejamento urbano pode ser distorcido por forças externas e como a especulação imobiliária e os interesses econômicos dominantes, aprofundam os processos de segregação e exclusão social. Ao

⁵ TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012. p. 2-5.

⁶ LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. p. 11-33.

⁷ VELASQUES, Ana Beatriz Araújo. A concepção de Palmas (1989) e sua condição moderna. 2010. 230 f. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. p. 37-40.

⁸ GRUPOQUATRO. **Memorial do projeto da capital do estado do Tocantins**: Palmas/Plano Básico. Goiânia: GrupoQuatro, 1989. p. 5-8.

⁹ BAZOLLI, João Aparecido. **Contradições da expansão urbana**: análise em Palmas. In: Bazolli, J.A.; et al. (Org.) O papel da extensão universitária como indutora da participação social: Palmas participa. Palmas-TO: EDUFT, 2017. p. 33-47.

¹⁰ Ibid., p. 33-47.



passo que a promoção da participação popular e da gestão democrática se inserem como eixo fundamental na garantia da reivindicação e transformação dos territórios.

2 METODOLOGIA

Seguindo os conceitos de Plano de Bairros e Direito à Cidade, este estudo tem como principal objetivo evidenciar as ações voltadas à construção de uma cidade mais inclusiva e equitativa em Palmas-TO, por meio da experiência do projeto piloto de Plano de Bairros no bairro periférico Jardim Aurenny IV.

O projeto é fruto da continuidade das iniciativas da Agenda Popular pelo Direito à Cidade, em parceria com o núcleo Tocantins da rede BR Cidades, durante o ano de 2024. Nesse contexto, foram realizadas oficinas comunitárias em quatro bairros periféricos de Palmas, com o intuito de construir diagnósticos participativos ancorados nas realidades locais. Destaca-se, nesse processo, a valorização da participação popular e da escuta ativa, promovidas por meio da articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

Nesse contexto, o bairro Jardim Aurenny IV foi escolhido como fonte do projeto piloto de Plano de Bairros na cidade. A metodologia baseou-se na realização de oficinas técnico-comunitárias envolvendo diferentes eixos temáticos, como pertencimento, saúde, infraestrutura, meio ambiente e lazer, articulando diferentes agentes multiplicadores (graduação, pós-graduação, movimentos sociais, moradores do local) na elaboração de cartografias temáticas e da junção de dados qualitativos e quantitativos sobre o local.

A primeira oficina, com a temática de “Identidade e Pertencimento”, na qual foram introduzidos os conceitos de Plano de Bairros e Direito à Cidade, enquanto capacitação da comunidade, posteriormente foram apresentados o Plano de Trabalho com o cronograma das ações e o Plano de Comunicação, em sequência a realização da oficina e o encerramento.

A oficina foi conduzida com base na metodologia de mapeamento afetivo, que tem como objetivo captar os vínculos emocionais entre as pessoas e a cidade¹¹. Para Hutta¹², a noção do conceito de “território” é inerentemente afetiva, sendo um reflexo do elo entre o sujeito e o próprio lugar, construindo o senso de territorialidade e de pertencimento. Partindo

¹¹ BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 2023. p. 221-223.

¹² HUTTA, Jan Simon. **Territórios afetivos**: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, v. 2, n. 42, 2025. p. 63–89.



dessa narrativa, ele considera a cartografia como expressão singular da topofilia (sentimentos de apego e aversão a um lugar).

Seguindo essa premissa, a comunidade foi dividida em dois grupos, que ficaram responsáveis pela criação de mapas sobre imagens de satélite coladas em estruturas de isopor. Com bandeirinhas, os participantes identificaram locais de memória, afeto e significados diversos no bairro. Ao final da atividade, os grupos construíram um varal, traçando uma linha do tempo, com as principais memórias e histórias sobre o mapa, traçando um contexto histórico linear e uma identidade contada a partir da própria população.

3 RESULTADOS

A elaboração do mapa de afetos pela própria comunidade resgatou a história local e consequentemente os sentimentos de afeto e pertencimento. A dinâmica revelou a forma com que eles se relacionam com o espaço onde vivem e como se sentem ao serem negligenciados pelo poder público. Foi possível perceber o carinho que os moradores têm com o bairro e orgulho de poderem acompanhar, ainda que lentamente, seu processo de desenvolvimento. Ao mesmo tempo que também pontuaram as violações de direitos que a comunidade sofre desde sempre.

A divisão espontânea dos participantes em dois grupos, um de pessoas idosas e outro de jovens, na qual proporcionou uma análise intergeracional do território. Os mais velhos relembrou que, no início, o bairro carecia totalmente de infraestrutura, e narraram o desenvolvimento local como testemunhas diretas desse processo. Já os mais jovens compartilharam memórias afetivas de infância, destacando os espaços onde brincavam e formavam laços com a vizinhança.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a oficina, alguns marcos históricos do bairro foram identificados pelos moradores, como a chegada do asfalto, a construção de postos de saúde e praças, além de eventos comunitários, como as festas de aniversário do bairro. Esses elementos trouxeram à tona sentimentos de pertencimento, reconhecimento da própria origem e do cuidado com o território.



O mapeamento afetivo serviu como uma ferramenta de resgate da memória, da identidade e do pertencimento no bairro Jardim Aurenly IV, reconstruindo, sobretudo, um sentimento latente, mas muitas vezes silenciado entre a população: a esperança. Enquanto a experiência do projeto piloto de Plano de Bairros configura-se como marco simbólico e articulador no fortalecimento da discussão urbanística na cidade, compreendendo a reforma urbana, acima de tudo, como um processo de natureza popular e insurgente.

REFERÊNCIAS

BAZOLLI, João Aparecido. **Contradições da expansão urbana**: análise em Palmas. In: Bazolli, J.A.; et al. (Org.) O papel da extensão universitária como indutora da participação social: Palmas participa. Palmas-TO: EDUFT, 2017.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 2023.

GRUPOQUATRO. **Memorial do projeto da capital do estado do Tocantins**: Palmas/Plano Básico. Goiânia: GrupoQuatro, 1989.

HOLSTON, James. **Cidadania insurgente**: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HUTTA, Jan Simon. **Territórios afetivos**: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, v. 2, n. 42, 2025.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

VELASQUES, Ana Beatriz Araújo. **A concepção de Palmas (1989) e sua condição moderna**. 2010. 230 f. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.